

# Capítulo 1 - Introdução

Encontrando-nos, a desenvolver um núcleo de golfe da nossa escola, é nossa preocupação incrementar o número de jovens praticantes nesta modalidade. Como nos refere Agrellos (2012), o número de alunos do 1.º Ciclo ao Secundário abrangidos com golfe no seu plano curricular é de cerca de 1390 e, a finalidade de chegar daqui a uma década com cerca de sessenta mil a terem contacto com esta modalidade. Também na revisão bibliográfica que efetuámos não encontrámos estudos feitos em Portugal, com base na pergunta de partida. Deste modo, a pertinência deste estudo justifica-se pela sua dimensão socioprofissional reflexiva, enquanto plano de utilidade, no âmbito do conhecimento da permanência ou da via que leva os jovens à prática do golfe. Vemos assim, toda a utilidade em conhecer os motivos mais valorizados pelos jovens.

(...)“fornecer informação psicológica a todos aqueles que estão envolvidos em contextos desportivos e de exercício físico, por forma a ajudá-los a atingirem os seus objetivos, independentemente de tais objetivos serem a melhoria do rendimento, uma vida mais saudável, ou o divertimento e satisfação provenientes da participação na atividade física” (Gould, 1990, p.114)

Na mesma linha Novais e Fonseca (1997) referem ser de grande utilidade prática conhecer as razões que as pessoas apresentam para fazer exercício físico.

Assim, neste capítulo iremos ainda apresentar a definição de objetivos, de forma a orientar o nosso estudo empírico, *Motivos para a prática de golfe no desporto escolar e desporto federado*, as hipóteses de estudo que formulámos e as variáveis que utilizámos a partir da problemática definida.

No segundo capítulo procedemos à revisão da literatura e à pesquisa documental, no âmbito do problema de estudo delimitado, e deixámos o registo do que considerámos fundamental para compreender e explicar os objetivos desta investigação.

No terceiro capítulo descrevemos a metodologia utilizada, em particular a caracterização dos inquiridos e do instrumento de recolha de dados utilizado (e respectiva validação), assim como a elucidação dos procedimentos efetuados e a explanação do modo como foram organizados e tratados estatisticamente os dados obtidos.

No quarto capítulo é feita a apresentação e análise dos resultados obtidos, tendo em conta a variável independente, seguida de uma discussão que poderá contribuir para a explicação e compreensão dos referidos resultados.

No último capítulo apresentamos as conclusões tendo como referência o nosso objeto de estudo e as possíveis implicações práticas no futuro.

## 1.2. Definição de objetivos, hipóteses e variáveis

### 1.2.1. Objetivos

O objetivo geral do nosso estudo foi identificar e avaliar os motivos que levam os elementos de dois grupos (grupo do desporto escolar (GDE) e o grupo federado (GF), com idades compreendidas entre os 9 e os 18 anos de várias escolas) à prática de golfe.

Objetivos específicos:

- 1°. Comparar, ao nível de grupo e entre grupos, quais os motivos mais e menos importantes que levam à prática do golfe;
- 2°. Comparar, ao nível do género e em cada grupo, quais os motivos mais e menos importantes que levam à prática do golfe;
- 3°. Comparar, ao nível da idade e em cada grupo, quais os motivos mais e menos importantes que levam à prática do golfe.

### 1.2.2. Hipóteses

Para Fortin (2009) as hipóteses deverão ser enunciadas a partir das relações previstas entre duas ou mais variáveis, enquanto para Quivy & Campenhoudt (1998) construir uma hipótese não se resume em imaginar uma relação entre duas variáveis ou dois termos isolados. Essa operação deve inscrever-se na lógica teórica da problemática. Por isso, é raro que se elabore apenas uma hipótese e, geralmente, são construídas várias hipóteses que apresentam como denominador comum a articulação entre elas e a consequente integração na problemática.

Tomando em consideração a nossa problemática de pesquisa e os objetivos traçados formulámos as seguintes hipóteses:

- H1.** Existem diferenças significativas entre os GDE e GF quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe.
- H2.** Existem diferenças significativas entre os géneros quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe em cada um dos grupos.
- H3.** Existem diferenças significativas entre idades quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe em cada um dos grupos.

### 1.2.3. Variáveis

Tendo por base o enquadramento conceptual e considerando os objetivos e as hipóteses orientadoras da pesquisa, tomamos consciência da existência de um numeroso conjunto de assuntos, cuja análise implica a identificação de variáveis. Segundo Polit e Hungler (1995), em qualquer trabalho de investigação, é necessário esclarecer e definir as variáveis e, ao mesmo tempo, especificar a maneira como a variável será observada e mensurada no estudo.

**Variável dependente** - Motivos para a prática de golfe

**Variável independente** - Praticantes de golfe inquiridos segundo o grupo a que pertencem (GDE e GF), género e idade.

# Capítulo 2 - Revisão de Literatura

## 2.1. Desporto Escolar e Desporto Federado

A escola, é um espaço aberto a todos onde se promove cidadania, a democracia, a educação, a cultura e se devem consagrar oportunidades de prática desportiva na ocupação de tempos livres, e outros, cabendo aos alunos a sua escolha e seriação. Deste modo, o desporto escolar assume uma estratégia educativa, integrante na escola Costa, Travassos, Martins e Sarmento (2013). Na mesma linha, Rebelo (1999) apresenta o desporto escolar como um instrumento de educação social, pessoal, cívica e cultural que deve estabelecer relações de proximidade com a disciplina de educação física e com as organizações desportivas (competição educativa).

Assim, o desporto escolar deve ser entendido pelo professor como um espaço onde a participação prevaleça sobre o rendimento e a alegria se sobreponha à ansiedade. A cooperação é também mais importante que a competição Sobral (1996).

O desporto federado, embora pese, o seu papel educacional e de ocupação de tempos livres, tem como objetivo primordial promover e inculcar nos jovens um espírito para a competição. Tal é visível quando no treino é administrada uma intensidade maior, consequência manifesta dos contextos e dos objetivos a atingir Sobral (1996).

## 2.2. Motivo para a prática de atividades física e desportiva

O motivo é a causa que leva uma pessoa a fazer algo, enquanto a motivação é o comportamento que leva a pessoa a colocar esses motivos em prática. Nunes (1995). Na mesma linha de pensamento, Veigas, Catalão, Ferreira e Boto (2009) referem que, quando se aborda a motivação convém ter presente que o motivo é o suporte do processo motivacional. O motivo é, desta forma, o elemento que influencia o início de uma atividade e, por isso, o seu conhecimento pode proporcionar a sustentabilidade dessa atividade. Uma implicação prática importante destas constatações refere-se à necessidade dos profissionais de ensino terem atenção às diferenças específicas existentes na motivação em função da idade e da modalidade. (Cruz, 1996).

Os psicólogos Sprinthall e Sprinthall (1993), que investigaram o tema motivação, verificaram que um motivo apresenta duas componentes identificáveis: uma necessidade e um impulso. As necessidades encontram a sua base num défice na pessoa. Este défice pode ser fisiológico ou psicológico, mas em ambos os casos tem de residir na própria pessoa. Os impulsos, embora ancorados nas necessidades, apresentam um carácter de mudança observável do

comportamento, isto é, implicam alguma espécie de movimento. A pessoa não é considerada como estando num estado de impulso até que a necessidade a tenha incentivado a agir.

## 2.3. Motivação

De acordo com Veigas, et al, 2009, p.3) o conceito motivação significa a “ação dos fatores que determinam a conduta” e provém etimologicamente do verbo latino *movere* (mover). Assim a motivação é compreendida a partir de um conjunto de variáveis que constituem a razão que leva um indivíduo à escolha de um determinado desporto e ainda, ao seu empenho e estabilidade na prática do mesmo a longo prazo.

Para Diaz (2008) a motivação pode agir como uma energia para que os indivíduos exerçam qualquer atividade enquanto que Lima (2010) define a motivação como um conjunto de mecanismos multifatoriais que determinam o comportamento do indivíduo.

Weinberg e Gould (2001) assinalam que embora haja milhares de visões individuais, grande parte das pessoas inclui o conceito de motivação em uma das três orientações gerais a que a seguir vamos fazer referência:

- **A visão Centrada no Traço ou Visão Centrada no Participante:** defende que o comportamento motivado se dá essencialmente em função de características individuais;
- **A visão Centrada na situação:** a visão centrada na situação sustenta que o nível de motivação é determinado primariamente pela situação;
- **A visão interacional:** declara que a motivação não resulta somente de fatores relacionados com os indivíduos, nem de fatores situacionais e que a melhor maneira de entender a motivação é examinar o modo como esses dois conjuntos de fatores interagem. Esta visão é a mais aceite pelos psicólogos do desporto e do exercício.

Desta forma, o conhecimento das razões da motivação para a participação em atividades físicas e desportivas assume um papel determinante no âmbito do processo de intervenção pedagógica dos professores junto dos alunos, visando a melhoria da orientação desportiva e, como consequência, das aprendizagens e *performance* (comportamento desportivo).

A relação entre aprendizagem e motivação, segundo Magill (1984), é recíproca, ou seja, um aluno pode aprender em consequência da sua motivação ou motivar-se a partir da possibilidade de aprender mais. Por isso, a aprendizagem também pode ocorrer mesmo quando as pessoas não estão instruídas a aprender o que lhes foi apresentado. A motivação é importante para a compreensão da aprendizagem e do desempenho de habilidades motoras, devido ao seu papel na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento.

Em relação às técnicas de motivação, Samulski (2002) declara que por meio destas, se podem promover formas desejadas de comportamento (e.g. treino constante, motivação para o

rendimento, força de vontade) e evitar comportamentos não desejados (motivação instável para o treino, orientação para o fracasso, pensamentos negativos).

O estudo da motivação no desporto, em concordância com Cruz (1996), procura responder a várias questões que se iniciam com uma causa. Estas causas têm a ver com três dimensões do comportamento dos desportistas: *i*) direção (porque são escolhidos determinados desportos pelos desportista); *ii*) intensidade (porque determinados desportistas empregam maior esforço do que outros quando competem) e *iii*) perseverança (porque é que uns abandonam e outros desportistas mantêm a prática desportiva).

A motivação pode ter proveniência interna e, ou externa. Lopes e Nunomura (2007) evidenciam que a motivação está relacionada com *i*) fatores pessoais (sensação de prazer interna sem nenhuma relação com elementos externos: motivação intrínseca) e *ii*) influência de outras pessoas (elogios, fatores ambientais, reconhecimento através da obtenção de prémios: motivação extrínseca).

Os indivíduos motivados intrinsecamente têm uma maior probabilidade de serem perseverantes, de manifestarem níveis de desempenho mais distintos e de efetuarem mais tarefas do que aqueles que requerem reforços externos (Veigas, et al., 2009).

## **2.4. Abordagens e Modelos Teóricos da Motivação em Contextos Desportivos**

Ao longo do tempo, têm sido apresentados diversos modelos teóricos para melhor compreender os princípios que regem a motivação para as práticas desportivas. Neste estudo, iremos abordar dois desses modelos teóricos.

### **2.4.1. Teoria das perceções de competência pessoal**

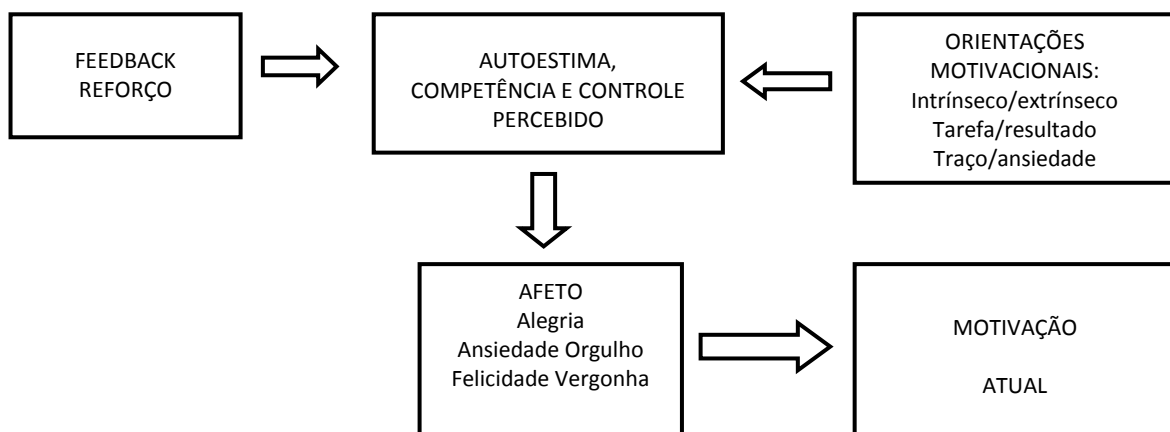
Existem diversos estudos e modelos teóricos que têm atribuído às perceções de competência e capacidade pessoal um papel fundamental e mediador no desempenho da motivação.

Harter (1978, 1981) desenvolveu um modelo teórico para explicar a motivação dos participantes em contextos de realização. Para a autora, esta teoria é fundamentada num sistema multidimensional onde os indivíduos distinguem a competência em domínios diferentes (cognitivos, sociais e físicos). As pessoas são motivadas para comprovarem competência em domínios de realização, como é o caso do desporto ou da escola.

A mesma autora (1978) diz-nos que a percepção de competência pessoal é uma das variáveis mais importantes para a motivação, assim como, a qualidade das experiências do indivíduo é determinante para o desenvolvimento da competência

Cruz (1996) explica-nos que as tentativas de “mestria” bem sucedidas (bons rendimentos) para satisfazer a “necessidade” de competência, acabam por ser experiências positivas que mantêm e/ou promovem a percepção de competência pessoal.

A teoria da motivação para a competência advoga que as pessoas são altamente motivadas quando se sentem valorizadas e competentes para realizar uma determinada tarefa. (Weiss & Chaumeton, 1992). A Figura 1 sistematiza esta tese.



Fonte: Weinberg e Gould (2008).

**Figura 1** - Teoria da interação entre competência e motivação

A competência faculta a confiança e esta promove uma visão positiva do “eu”, desenvolvendo o orgulho e a alegria. O insucesso em evidenciar a competência, por sua vez, leva á vergonha e á incerteza. Harter (1978).

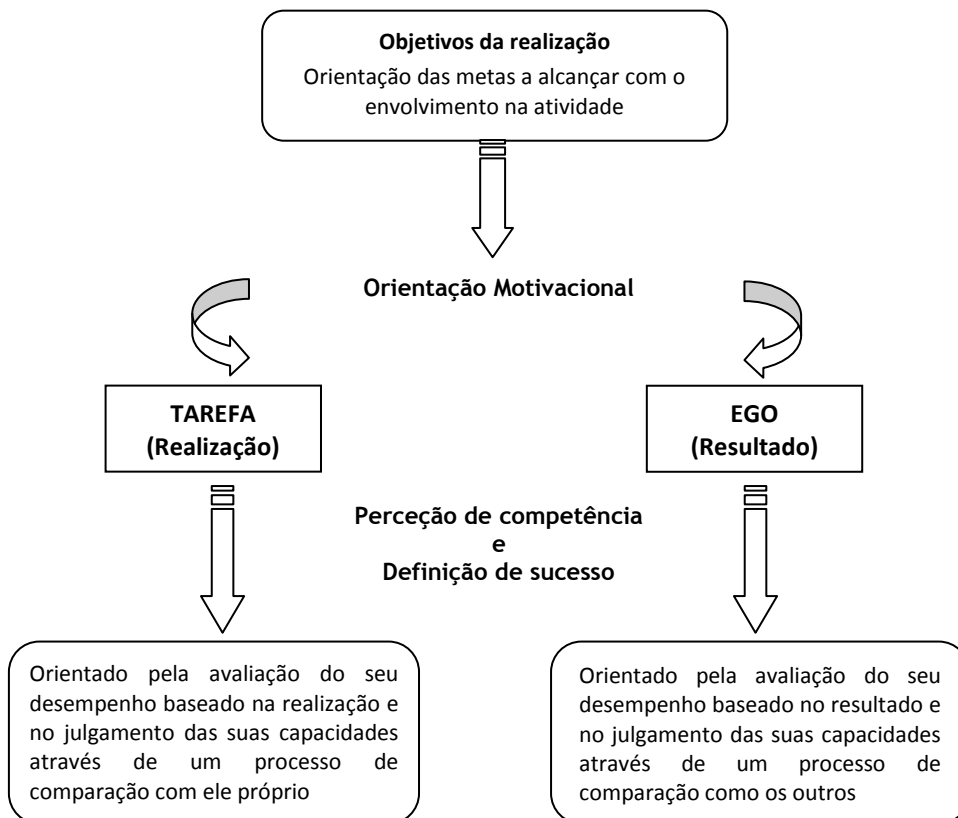
Percebe-se então que as experiências de sucesso nas atividades desportivas (e o apoio adequado dos pais professores e treinadores) irão contribuir para uma percepção de competência pessoal positiva, que contribui, por sua vez, de forma determinante, na motivação e permanência dos jovens na prática desportiva.

### 2.4.2. Teoria dos objetivos de realização em contexto desportivos

Outros teóricos da motivação, para além de partilharem a concepção de que a demonstração e as percepções de competência pessoal criam uma visão basilar na compreensão da motivação em contexto de realização, têm vindo a realçar a importância dos tipos de objetivos conferidos.

Na teoria dos objetivos de realização (Achievement Goal Theory, AGT), desenvolvida por Nicholls (1984, 1989), Dweck (1986) e Ames (1992), os indivíduos são motivados para demonstrarem elevados níveis de capacidade e evitam a demonstração da baixa capacidade. É fundamentada em dois tipos de orientação: *i*) objetivos de realização (orientação para a tarefa ou para o ego), incidindo em critérios diferenciados pelos quais os sujeitos avaliam a sua competência e decidem o êxito da sua participação numa determinada atividade e *ii*) objetivos centrados na tarefa, em que os níveis de competência e a dificuldade da tarefa são decididos em relação á percepção que o sujeito tem sobre o seu próprio conhecimento e capacidade (critérios auto-referenciados). Assim, quanto mais difíceis parecem ser as tarefas, mais o sucesso é indício de alta competência; quanto maior for o esforço para atingir níveis de mestria na tarefa, maior é a percepção de competência.

De acordo com Biddle e Mutrice (2001), Dosil (2008) e Weinberg e Gould (2008) a forma como o indivíduo orienta o seu objetivo em contexto de realização, vai ter um impacto significativo na sua motivação (isto é, na direção, intensidade e persistência do comportamento).



Fonte: Serra (2010).

Figura 2 - Teoria dos objetivos de realização.

A teoria de objetivos de realização inicialmente desenvolvida no contexto da educação, rapidamente evolui para um âmbito de aplicação quer no desporto, quer na educação física escolar. Nicholls (1992, p. 32) advoga a necessidade “de um quadro conceptual para estudos dos objetivos de orientação para colocar em evidência as características que são comuns às atividades académicas e desportivas”, apontando para a existência de conceitos semelhantes ou paralelos entre as atividades intelectuais e as desportivas (capacidade, habilidade e esforço).

Esta abordagem considera que os indivíduos são organismos intencionais, norteados por objetivos e que funcionam de uma forma racional. Assim, os objetivos de realização influenciam a confiança dos sujeitos, que conduzem à tomada de decisão, orientando o comportamento, e de uma forma geral estabelecem os seus índices motivacionais. (Biddle, 2001; Duda, 2001; Roberts, 2001; Treasure, 2001).

Portanto, em contexto desportivo (Figura 2), os indivíduos podem orientar a sua motivação de duas formas, cada uma delas apresenta repercussões diferenciadas em termos comportamentais:

- . **Orientação para a tarefa ou aprendizagem:** segundo Cruz (1996) aqueles que se orientam para a tarefa ou a aprendizagem, estão mais dispostos para a aprendizagem de novas competências e na mestria ou domínio de objetivos desafiadores, do ponto de vista pessoal (isto é, a aprendizagem, o esforço despendido, as reações afetivas e emocionais e a melhoria pessoal constituem as principais fontes de informação utilizadas para avaliar a capacidade pessoal e formular as perceções de competência pessoal). Geralmente, os indivíduos que se orientam para a tarefa, tendem a manifestar padrões positivos ou adaptativos de comportamento (ou seja, dedicam-se mais, optam por tarefas desafiadoras e são mais perseverantes na busca dos seus objetivos).
- . **Orientação para o ego:** de acordo com Cruz (1996) na orientação para o ego, a preocupação predominante dos indivíduos dirige-se para a demonstração, a um nível máximo, da sua elevada capacidade e minimizarem a evidência de pouca ou baixa capacidade e competência pessoal e constituem os principais meios de informação para aferir as capacidades pessoais e formular as perceções de competência.

Com base na AGT de Nicholls (1984, 1989) existem duas formas (princípios fundamentais desta teoria) de gerar e julgar a competência que se distinguem pela forma como o indivíduo decide o seu sucesso: se o indivíduo orienta os seus objetivos para a tarefa regula-se por critérios autorreferenciados, quando este se orienta para o ego regula-se por critérios normativos. Os objetivos afetam não só a “quantidade”, mas sobretudo, a “qualidade” da sua motivação Ntoumanis e Biddle (1999), uma vez que a forma como o indivíduo orienta os seus objetivos vão ter um impacto significativo na direção, intensidade e persistência do comportamento Weinberg e Gould (2008). A AGT advoga também que o envolvimento do indivíduo numa determinada atividade não é apenas uma função da tendência disposicional (pessoal: objetivos de realização), mas também é uma função das características do contexto social onde a atividade ocorre (situacional: clima motivacional), ou seja, da forma como o indivíduo compreende o clima

motivacional (ambiente social e psicológico do contexto) estimulado pelos outros significativos (e.g. familiares, amigos, praticantes, professores), que têm um efeito essencial sobre a motivação e o comportamento (Duda, 2001; Duda & Balaguer, 2007; Hagger & Chatzisarantis, 2008).

## **2.5. A influência do professor no processo motivacional**

No processo de ensino e aprendizagem, a motivação do atleta encontra-se sempre ligada à motivação do professor. Este para motivar os atletas adquire uma necessidade de compromisso com o desporto, de entusiasmo e até mesmo uma paixão pelo seu trabalho. Uma das formas muito utilizadas pelos professores para motivarem os seus alunos é a promoção da autonomia (e.g., tarefas de apoio e organização), permitindo aos alunos a perceção de competência.

Cruz (1996) lembra, ser de grande importância o papel dos professores, no modo como influenciam o processo motivacional nos indivíduos (atletas) mais jovens.

Assim, a forma como os professores comunicam e interagem com os atletas, é fundamental ou mesmo determinante para que as experiências desportivas tenham sucesso (na prática desportiva existem várias razões que levam crianças e jovens a desistir da prática desportiva).

Em face da importante função social e promocional que o desporto pode e deve desempenhar, é de extrema importância oferecer experiências positivas e de qualidade às crianças e jovens no seu período de formação. Portanto a maneira e o modo como o professor interage com o atleta vai determinar, em parte, a essência das experiências desportivas e os resultados dessa participação.

## Capítulo 3 - Metodologia

Com a descrição dos procedimentos metodológicos adotados pretendemos esclarecer e clarificar o caminho que percorremos e, por essa via, contribuir para a credibilização do processo de investigação. É através da fase metodológica que o investigador decide os processos que utilizará para colher respostas às questões e objetivos de investigação colocadas, ou seja, elege o desenho de investigação, “define a população e escolhe os instrumentos mais apropriados para efetuar a colheita de dados” (Fortin, 1999, p.40).

A nossa pesquisa configura-se como um estudo exploratório-descritivo<sup>1</sup>, transversal, de campo, com abordagem quantitativa.

### 3.1. Caracterização dos sujeitos da amostra<sup>2</sup>

O nosso estudo incidiu num total de 92 praticantes de várias escolas e clubes do centro do país:

- i) N=44 praticantes fazem parte de núcleos de golfe (desporto escolar);
- ii) N=48 praticantes fazem parte de clubes de golfe (federados).

Quadro 1. Caracterização da amostra dos inquiridos quanto ao grupo, género e idade.

<b>Grupo</b>		GDE	N=44	47,8%
		GF	N=48	52,2%
<b>Género</b>	Masculino N=74 (80,4%)	GDE	N=38	86,4%
		GF	N=36	75%
	Feminino N=18 (19,6%)	GDE	N=6	13,6%
		GF	N=12	25%
<b>Intervalo de idade dos inquiridos</b>	GDE	[9 - 13[	N=13	29,5%
		[14 - 18[	N=31	70,5%
	GF	[9 - 13[	N=26	54,2%
		[14 - 18[	N=22	45,8%

<sup>1</sup> No sentido de dotar o estudo exploratório com um delineamento mais rigoroso (descritivo)

<sup>2</sup> A amostra foi constituída de uma forma não probabilística e de conveniência.

Dos 92 inquiridos (quadro 1) predominam os do género masculino (80,4%; 74) e apenas 19,6% (18) são do género feminino. Destes 19,6% (18), seis inquiridas pertencem ao GDE (9,5%), e 12 inquiridas pertencem ao GF, correspondendo a 25% no grupo, o que evidencia mais do dobro de praticantes do sexo feminino a contactarem com a modalidade no GF em relação ao GDE. Neste âmbito apuramos que na nossa amostra são poucas as raparigas que praticam golfe.

No que diz respeito às idades decidimos agrupá-las em dois intervalos. No GDE verificamos que 29,55% dos inquiridos têm idade compreendida entre os 9 e 13 anos e 70,5% no intervalo dos 14 aos 18 anos. No GF as percentagens estão mais próximas distribuindo-se 54,2% dos inquiridos no intervalo dos 9 aos 13 anos e 45,8% no intervalo dos 14 aos 18 anos.

Quadro 2. Caraterização da amostra dos inquiridos: anos de prática, federados noutra modalidade, média de dias de prática semanal e média de horas na prática do golfe num dia normal.

<b>Praticantes de Golfe</b>	Menos de 2 anos	GDE	N=32	72,7%
		GF	N=18	37,5%
	Mais de 2 anos	GDE	N=12	27,3%
		GF	N=30	62,5%
<b>Praticantes federados noutra modalidade</b>	GDE	sim	N=17	38,6%
		não	N=27	61,4%
	GF	sim	N=20	40%
		não	N=32	60%
<b>Média de dias na prática semanal</b>	GDE	$\bar{X} = 1,05$		
	GF	$\bar{X} = 2,46$		
<b>Média de horas na prática num dia normal</b>	GDE	$\bar{X} = 2,05$		
	GF	$\bar{X} = 2,7$		

Da observação do quadro 2, referente aos inquiridos com menos de dois anos de prática, constata-se que 72,7% pertencem ao GDE (perto do dobro em relação ao GF) e nos praticantes com mais de dois anos de prática verifica-se o inverso. Já na prática de outra modalidade, verifica-se uma percentagem semelhante nos dois grupos.

Quanto à média de dias de prática durante a semana, o GDE apresenta uma  $\bar{X}=1,05$  dias enquanto no GF  $\bar{X} = 2,46$  dias (mais do dobro de dias de prática em relação ao GDE).

No que toca a horas de prática por dia, o GDE apresenta um valor de  $\bar{X}=2,05$  horas e o GF de  $\bar{X}=2,7$  horas. Tendo em conta que o primeiro grupo é constituído por praticantes de atividades do desporto escolar, e o segundo grupo por praticantes federados de golfe, haverá alguns fatores que podem justificar esta diferença: acesso ao campo, a disponibilidade para se deslocarem ao

campo, assim como o facto de só no desporto escolar estes alunos terem acesso a esta modalidade.

## 3.2. Instrumento

O instrumento por nós administrado aos inquiridos deste estudo empírico foi o “*Questionário de Motivação para as Actividades Desportivas*” (QMAD). Trata-se de uma versão traduzida e adaptada (Serpa & Frias, 1991) para a população portuguesa da versão original “*Participation Motivation Questioner (PMQ) desenvolvido por Gill, Gross e Huddleston (1983)*”. O questionário é composto por 30 questões, de respostas fechadas.

No nosso caso, o instrumento em causa sofreu uma pequena modificação: foi colocada no início do espaço referente às questões a seguinte expressão “Eu pratico golfe para...”. E as respostas foram dadas, numa escala do tipo Likert de 5 pontos (escala de medida), sendo que o 1 representa “nada importante”, 2 “pouco importante”, 3 “importante”, 4 “muito importante”, e 5 “totalmente importante”.

## 3.3. Procedimentos

### 3.3.1. Recolha dos dados

Durante o mês de Dezembro de 2012, o investigador dirigiu-se às escolas e clubes de golfe com que pretendia trabalhar e transmitiu aos diretores ou a quem os representasse<sup>3</sup> os objectivos da investigação, solicitando permissão para aplicar os inquéritos por questionários. Dada a importância que este tipo de estudos representa para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem foi-nos dada autorização e, nalguns casos fomos redirecionados para os profissionais que trabalham diretamente com os jovens praticantes (professores e, ou formadores). Assim, durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2013 foi aplicado o instrumento de recolha de dados.

Foram garantidos o anonimato e a confidencialidade das respostas a todos os participantes, indicando-lhes que a informação recolhida seria tratada estatisticamente no seu conjunto e que os questionários não apresentavam elementos que permitissem a identificação do respondente.

---

<sup>3</sup> De modo a ganhar o acesso à escola (Bogdan & Bilken, 1994)

### 3.3.2 Estatística

A informação recolhida foi sistematizada, clarificada e organizada através do recurso a técnicas de estatística descritiva, nomeadamente, medidas tendência central (média) e medidas de dispersão (desvio-padrão). Para a estatística indutiva optamos pelo teste *t-Student*<sup>4</sup> e pelo teste U de Mann-Whitney<sup>5</sup>.

De salientar que ao longo da análise estatística recorre-se aos níveis de significância de D'Hainaut (1990): *i*)  $p > 0,05$  = não significativo; *ii*)  $p \leq 0,05$  = ligeiramente significativo; *iii*)  $p < 0,01$  = muito significativo e *iv*)  $p < 0,001$  = muitíssimo significativo.

Todos os dados relativos a este estudo serão analisados com recurso ao software informático SPSS (*Statistical Package for the Social Science*), na versão 21.0.

### 3.3.3 Descrição da validação do questionário

Para estimar a fidelidade dos dados obtidos através do questionário, optámos no nosso estudo por verificá-la através do método da análise da consistência interna alpha de Cronbach<sup>6</sup> (Hill e Hill, 2005). Com a utilização deste coeficiente torna-se possível avaliar se todos os itens têm importâncias similares para o conjunto do questionário.

Quadro 3. Coeficiente de Alpha de Cronbach obtido.

Alfa ( $\alpha$ ) Cronbach	N.º de Itens
,915	30

De acordo com Nunnally (1978) a partir do valor de  $\alpha > 0,70$  um instrumento de medida já apresenta fiabilidade apropriada. No nosso estudo o valor da consistência interna obtido para a totalidade da escala foi  $\alpha = 0,915$  (quadro 3) o que na terminologia de Hill e Hill (2005) é considerada excelente<sup>7</sup>. Perante este valor, consideramos que a consistência interna alcançada indica que o instrumento utilizado avalia com rigor aquilo que pretendíamos medir.

<sup>4</sup> Teste paramétrico que trabalha com parâmetros estatísticos fortes e, no nosso estudo, utilizaremos o teste *t-Student* para amostras independentes que se aplica quando que se pretende comparar as médias de uma variável quantitativa em dois grupos diferentes de sujeitos e se desconhecem as respectivas variâncias.

<sup>5</sup> Técnica não-paramétrica, utiliza-se quando os valores de uma escala de avaliação estão longe de uma distribuição normal, sendo menos potente que as técnicas paramétricas (Hill & Hill, 2005).

<sup>6</sup> O coeficiente de Alpha de Cronbach fornece a medida de consistência interna, que é encontrada com base na média das inter-correlações ente os itens e é o mais adequado para aplicar a escalas do tipo Likert.

<sup>7</sup> Hill e Hill (2005) classificam o valor da consistência interna de acordo com a seguinte graduação: *i*) fraca quando se obtêm valores de alfa entre 0,6 e 0,7; *ii*) razoável quando se alcançam valores entre 0,7 e 0,8; *iii*) de bom quando se obtêm valores entre 0,8 e 0,9 e *iv*) excelente quando se atinge valores superiores a 0,9.

# Capítulo 4 - Apresentação e discussão de resultados

## 4.1. Apresentação dos resultados

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos através da aplicação do instrumentos de recolha de dados, sendo que tentámos fazê-lo de forma coerente com os objetivos delineados e hipótes formuladas.

No quadro 4, indicam-se os resultados das respostas dos inquiridos relativamente aos motivos mais valorizados, menos valorizados e valor de significância dado pelo *T-Student*, nos grupos: desporto escolar (GDE) e federado (GF).

Quadro 4- Análise comparativa dos motivos em função do grupo (GDE e GF).

motivos	GDE	GF	<i>t-test</i> Sig.
	N=44 $\bar{X} \pm DP$	N=48 $\bar{X} \pm DP$	
10. Aprender novas técnicas	4,02±,834	4,31±,909	,112
23. Atingir um nível desportivo mais elevado	3,89±0,920	4,31±0,854	,024*
29. Divertimento	3,89±1,017	4,27±,893	,057
24. Estar em boa condição física	4,05±,925	4,10±,928	,768
1. Melhorar as capacidades técnicas	3,84±,834	4,06±,909	,227
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo	3,98±,876	3,83±1,018	,471
20. Entrar em competição	3,36±1,222	4,00±,875	,006**
26. Ultrapassar desafios	3,93±,818	3,83±1,078	,621
9. Influência da família ou de outros amigos	2,64±1,080	3,29±1,237	,008**
5. Viajar	2,68±1,157	2,63±1,214	,819
25. Ser conhecido	2,55±1,109	2,46±1,051	,087
19. Pretexto para sair de casa	2,25±1,059	2,36±1,150	,632

\* $p < 0,05$  - significante; \*\* $p < 0,01$  – bastante significante

Resultante da observação, apontamos por ordem decrescente os motivos mais importantes para o GDE: *estar em boa condição física*  $\bar{X}=4,05$ , *aprender novas técnicas*  $\bar{X}=4,02$ , *prazer na utilização das instalações e material desportivo*  $\bar{X}=3,98$  e *ultrapassar desafios este com*  $\bar{X}=3,93$ . Já no GF,

atribuem maior importância aos motivos *aprender novas técnicas*  $\bar{X}=4,31$ , *atingir um nível desportivo mais elevado*  $\bar{X}=4,31$ , *divertimento*  $\bar{X}=4,27$ , *estar em boa condição física*  $\bar{X}=4,10$ , *melhorar as capacidades técnicas*  $\bar{X}=4,06$  e o motivo *entrar em competição* ainda, com uma importância elevada (i.e.,  $\bar{X}= 4,00$ ). Da análise extraímos que os motivos mais valorizados ( $\bar{X}>4$ ) são de ordem intrínseca.

Os motivos menos privilegiados pelos inquiridos nos dois grupos foram: *pretexto para sair de casa*, *ser conhecido*, *viajar* e *ter a sensação de ser importante*, todos de ordem extrínseca.

Da observação do quadro 4, verificamos significado estatístico (na diferença do valor médio entre os dois grupos) nos seguintes motivos: *entrar em competição* ( $p<,006$ ); *atingir um nível desportivo mais elevado* ( $p<,024$ ), e *influência da família ou de outros amigos* ( $p<,008$ ). Assim, é confirmada a hipótese formulada H1 (i.e., Existem diferenças significativas entre os GDE e GR quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe).

Quadro 5: Análise comparativa no GDE em função do género.

motivos	GDE		M-W Sig. Assint. (2- Caudas)
	M N=38 $\bar{X}\pm DP$	F N=6 $\bar{X}\pm DP$	
10. Aprender novas técnicas	4,16±,916	3,17±,408	,010**
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo	4,08±,882	3,33±,516	,043*
24. Estar em boa condição física	4,03±,957	4,17±,753	,824
26. Ultrapassar desafios	4,03±,822	3,33±,516	,054
18. Espírito de equipa	3,97±,972	3,67±,516	,332
23. Atingir um nível desportivo mais elevado	3,95±, 957	3,50±,548	,158
17. Ter ação	3,58±,826	2,83±,408	,023*
11. Fazer novas amizades	3,55±1,155	2,67±,816	,058
2. Estar com os amigos	3,47±1,006	2,50±,548	,023*
14. Receber prémios	2,97±1,197	2,50±,548	,340
5. Viajar	2,74±1,201	2,33±,816	,408
9. Influência da família ou de outros amigos	2,74±1,083	2,00±,894	,134
28. Ser reconhecido e ter prestígio	2,71±1,113	3,33±,516	,136
25. Ser conhecido	2,50±1,157	2,83±,753	,385
19. Pretexto para sair de casa	2,24±1,125	2,33±,516	,487

\* $p<0,05$  - significante; \*\* $p<0,01$  – bastante significante

No quadro 5, indicam-se os resultados das respostas dos inquiridos relativamente ao género no GDE . Através do exame dos resultados aferimos que os motivos que mais contribuíram para a prática do golfe, no género masculino, foram em primeiro lugar, *aprender novas técnicas*  $\bar{x}=4,16$ , seguindo-se *prazer na utilização das instalações e material desportivo* com  $\bar{x}=4,08$ , *estar em boa condição física* e *ultrapassar desafios ambos* com  $\bar{x}=4,03$ , *espírito de equipa*  $\bar{x}=3,97$  e *atingir um nível desportivo mais elevado* ainda com  $\bar{x}=3,95$ ; no género feminino em 1.º lugar surge: *estar em boa condição física* com  $\bar{x}= 4,17$ , em 2.º lugar com a mesma média surge, *espírito de equipa, divertimento e melhorar as capacidades técnicas* com  $\bar{x}=3,67$ .

Os motivos referenciados como menos importantes pelos valores apresentados, nos rapazes são: *pretexto para sair de casa* com  $\bar{x}=2,24$ , *ser conhecido*  $\bar{x}=2,50$ , *ser reconhecido e ter prestígio*  $\bar{x}=2,71$ , *influência da família ou de outros amigos e viajar* com  $\bar{x}=2,74$ . Nas raparigas o motivo menos importante é *Influência da família ou de outros amigos*  $\bar{x}= 2,00$ , *pretexto para sair de casa* e *viajar* com  $\bar{x}=2,33$ , *receber prémios e estar com os amigos* ( $\bar{x}=2,50$ ). Em ambos os géneros os motivos vistos como menos importantes são de ordem extrínseca.

O teste não-paramétrico (Mann-Whitney), evidencia significado estatístico nos seguintes motivos: *aprender novas técnicas* ( $p=,010$ ), *prazer na utilização das instalações e material desportivo* ( $p=,043$ ), *ter acção* ( $p=,023$ ) e *estar com os amigos* ( $p=,023$ ), o que vem confirmar a hipótese H2 no seu grupo (i.e., Existem diferenças significativas entre os géneros quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe no GDE).

Da análise do quadro 6 verifica-se a existência de médias bastante altas ( $\bar{x}\geq 4$ ) em ambos os géneros. O motivo *atingir um nível desportivo mais elevado* ( $\bar{x}=4,33$ ) é o motivo mais importante para o género masculino, enquanto para o género feminino é *aprender novas técnicas e melhorar as capacidades técnicas* com a mesma média ( $\bar{x}=4,33$ ).

No género masculino emergem conjuntamente em segundo lugar o *divertimento e aprender novas técnicas* com ( $\bar{x}=4,31$ ), surgem de seguida os motivos *estar em boa condição física e entrar em competição* ( $\bar{x}>4,0$ ) e ainda, com médias com um grau de importância a considerar temos *melhorar as capacidades técnicas e trabalhar em equipa* com  $\bar{x}=3,97$ . No género feminino emergem posteriormente, e por ordem de importância, *estar em boa condição física*  $\bar{x}=4,25$ , *atingir um nível desportivo mais elevado*  $\bar{x}=4,25$ , *divertimento*  $\bar{x}=4,17$ , *fazer exercícios*  $\bar{x}=4,17$  e *entrar em competição* com  $\bar{x}=3,92$ . Em ambos os sexos os resultados evidenciam um grau de importância muito semelhante dos motivos para a prática do golfe.

Quanto aos motivos menos importantes verificam-se os mesmos para os géneros e são de ordem extrínseca: *ser conhecido, pretexto para sair de casa e viajar*. A análise do GF permite-nos ainda constatar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre género ( $p\geq 0,05$ ). Estes resultados levam-nos a recusar a H2 no GF (i.e., Não existem diferenças significativas entre os géneros quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe no GF).

Quadro 6: Análise comparativa no GF em função do género.

motivos	GF		M-W Sig. Assint. (2- Caudas)
	M N=36 $\bar{X} \pm DP$	F N=12 $\bar{X} \pm DP$	
23. Atingir um nível desportivo mais elevado	4,33±,793	4,25±1,055	,990
10. Aprender novas técnicas	4,31±,710	4,33±1,073	,506
29. Divertimento	4,31±,822	4,17±1,115	,855
24. Estar em boa condição física	4,06±,924	4,25±,965	,463
20. Entrar em competição	4,03±,845	3,92±,996	,782
1. Melhorar as capacidades técnicas	3,97±,910	4,33±,888	,211
8. Trabalhar em equipa	3,97±1,055	3,75±1,357	,716
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo	3,83±,941	3,83±1,267	,842
11. Fazer novas amizades	3,81±,951	3,58±1,084	,491
15. Fazer exercícios	3,86±,723	4,17±,937	,882
27. Influência do treinador/professor	3,81±1,009	3,08±1,730	,228
9. Influência da família ou de outros amigos	3,44±1,229	2,83±1,193	,163
5. Viajar	2,58±,967	2,75±1,815	,882
19. Pretexto para sair de casa	2,44±1,054	2,09±1,446	,215
25. Ser conhecido	2,42±1,025	2,58±1,165	,604

\*p<0,05 - significante; \*\*p<0,01 – bastante significante

No quadro 7 apresentamos a descrição dos resultados da amostra referente às idades no GDE. Na análise dos motivos, constata-se que os inquiridos do grupo dos nove aos 13 anos, consideram vários motivos de muito importante ( $\bar{X} \geq 4,00$ ), enquanto os inquiridos de idades dos 14 aos 18 anos apresentam em todos os motivos médias inferiores a quatro ( $\bar{X} < 4,00$ ).

*Estar em boa condição física* ( $\bar{X}=4,42$ ), *aprender novas técnicas e espírito de equipa* com  $\bar{X}=4,31$ , são considerados os motivos mais importantes nos inquiridos dos 9-13 anos; o motivo *espírito de equipa* ocupa no grupo dos inquiridos dos 14-18 anos o 8.º lugar de importância com  $\bar{X}=3,77$ ; *Prazer na utilização das instalações e material, ultrapassar desafios, fazer exercícios, trabalhar em equipa, atingir um nível desportivo mais elevado e manter a forma* são ainda motivos com  $\bar{X} > 4$  no grupo dos 9-13 anos. Nos inquiridos mais velhos, *divertimento, estar em boa condição física e aprender novas técnicas* são os motivos que apresentam médias mais elevadas ( $\bar{X}=3,90$ ).

Quadro 7 - Análise dos motivos no GDE em função da idade.

motivos	GDE		M-W Sig. Assint. (2- Caudas)
	IDADES[9;13[ N=13 $\bar{X} \pm DP$	IDADES[14;18] N=31 $\bar{X} \pm DP$	
24. Estar em boa condição física	4,42±,793	3,90±,944	,093
10. Aprender novas técnicas	4,31±,947	3,90±,908	,170
18. Espírito de equipa	4,31±,855	3,77±,920	,081
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo	4,23±1,013	3,87±,806	,211
26. Ultrapassar desafios	4,15±,987	3,84±,735	,275
15. Fazer exercícios	4,15±,899	3,65±,798	,089
8. Trabalhar em equipa	4,15±1,068	3,58±,923	,069
23. Atingir um nível desportivo mais elevado	4,08±,760	3,81±,980	,446
6. Manter a forma	4,00±1,528	3,48±1,151	,089
29. Divertimento	3,85±1,144	3,90±,978	,936
9. Influência da família ou de outros amigos	3,00±1,080	2,48±1,061	,193
14. Receber prémios	2,69±1,182	3,00±1,125	,425
25. Ser conhecido	2,54±1,198	2,55±1,091	,852
5. Viajar	2,46±1,450	2,77±1,023	,274
19. Pretexto para sair de casa	2,23±,920	2,26±1,363	,554

\*p<0,05 - significante; \*\*p<0,01 – bastante significante

Os motivos que menos influenciaram os inquiridos no grupo de idades 9-13 anos, no GDE foram: *pretexto para sair de casa*  $\bar{X}=2,23$ , *viajar*  $\bar{X}=2,46$ , *ser conhecido*  $\bar{X}=2,46$  e *receber prémios* com  $\bar{X} \leq 2,69$ . No grupo dos 14-18 anos, os motivos com valor de importância baixa, foram: *pretexto para sair de casa*  $\bar{X}=2,2$ , *influência da família ou de outros amigos*  $\bar{X}=2,48$  e *ser conhecido*, todos com  $\bar{X}=2,55$ .

Na comparação entre os dois grupos de idades, o teste não-paramétrico (Mann-Whitney) permite aferir que não existem diferenças significativas, embora o motivo *trabalhar em equipa* ( $p=0,069$ ) apresente um valor próximo da significância ( $p \leq 0,05$ ). Assim, reconhecemos pela aplicação do teste, a necessidade de recusar a hipótese H3 no GDE (i.e., Não existem diferenças significativas entre idades quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe no GDE).

Quadro 8: Análise dos motivos no GDE em função da idade.

motivos	GF		M-W Sig. Assint. (2- Caudas)
	IDADES[9;13[ N=26 $\bar{X}\pm DP$	IDADES[14;18] N=22 $\bar{X}\pm DP$	
23. Atingir um nível desportivo mais elevado	4,50±,812	4,09±,868	,073
29. Divertimento	4,42±,857	4,09±,921	,160
10. Aprender novas técnicas	4,42±,758	4,18±,853	,298
24. Estar em boa condição física	4,31±,884	3,86±,941	,080
1. Melhorar as capacidades técnicas	4,23±,951	3,86±,834	,107
15. Fazer exercícios	4,19±,801	3,64±,658	,016*
18. Espírito de equipa	4,19±1,096	3,55±,858	,011*
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo	4,12±,993	3,50±,964	,032*
8. Trabalhar em equipa	4,12±1,211	3,68±,995	,087
20. Entrar em competição	4,00±,894	4,00±,873	1,000
6. Manter a forma	4,00±1,166	3,23±,922	,010*
17. Ter ação	3,69±,928	3,14±,834	,032*
22. Pertencer a um grupo	3,46±1,174	2,77±1,307	,062
7. Ter emoções fortes	3,69±1,050	3,05±1,174	,055
16. Ter alguma coisa para fazer	3,62±1,329	2,86±1,125	,056
21. Ter a sensação de ser importante	2,96±1,428	2,18±1,053	,066
3. Ganhar	2,92±,977	3,59±1,054	,029*
19. Pretexto para sair de casa	2,64±1,287	2,05±,899	,129
25. Ser conhecido	2,54±1,208	2,36±,848	,766

\*p<0,05 - significante; \*\*p<0,01 – bastante significante

O quadro 8 possibilita-nos observar que os dados obtidos, através dos inquiridos dos 9 aos 13 anos apresentam médias superiores em relação aos de idade compreendidas entre os 14 e os 18 anos. É interessante constatar que o mesmo se verificou no grupo do desporto escolar (vd. quadro 7).

São motivos que assumem maior importância nos respondentes com idades entre os 9 e os 13 anos ( $\bar{X}\geq 4,00$ ); *atingir um nível desportivo mais elevado*  $\bar{X}=4,50$ , *divertimento*  $\bar{X}=4,42$ , *aprender novas técnicas*  $\bar{X}=4,42$ , *estar em boa condição física*  $\bar{X}=4,31$ , *melhorar as capacidades*  $\bar{X}=4,23$ , *fazer exercícios*, *espírito de equipa*, *prazer na utilização das instalações e material desportivo*, *trabalhar em equipa*, *entrar em competição* e *manter a forma* são ainda motivos que assumem maior importância nas idades dos nove aos 13 com  $\bar{X}\geq 4,00$ . No grupo dos inquiridos com idade

entre os 14 e os 18, os motivos que se salientam por apresentarem valores com média elevada, e por ordem de importância, são: *aprender novas técnicas*  $\bar{X}=4,18$ , *divertimento*  $\bar{X}=4,09$ , *atingir um nível desportivo mais elevado*  $\bar{X}=4,09$  e *entrar em competição*  $\bar{X}=4,00$ .

Em relação aos motivos menos valorados pelo GF, verificamos a mesma referência para dois motivos nos dois intervalos de idades, *ser conhecido* e *pretexto para sair de casa* ( $\bar{X}\leq 2,64$ ). No grupo com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, o motivo *ter a sensação de ser importante* também é considerado pouco importante  $\bar{X}=2,18$ .

Na análise ainda, nos permite observar a existência de diferenças estatisticamente significativas nos motivos: *manter a forma* ( $p=,010$ ); *espírito de equipa* ( $p=,011$ ); *fazer exercícios* ( $p=,016$ ); *ganhar* ( $p=,029$ ); *prazer na utilização das instalações e material desportivo* ( $p=,032$ ); *ter acção* ( $p=,032$ ). Os motivos, *pertencer a um grupo*, *ter emoções fortes*, *ter alguma coisa para fazer* e *ter a sensação de ser importante* apresentam ainda assim um valor próximo da significância, ou seja,  $p\leq .066$ .

Os dados que constam neste quadro possibilitam confirmar a hipótese **H3** (i.e., Existem diferenças significativas entre idades quanto aos motivos apresentados para a prática do golfe no GF).

## 4.2. Discussão dos resultados

Ao realizarmos a nossa investigação não identificámos estudos que incidissem especificamente sobre o nosso constructo mas, pudemos reconhecer e analisar diversos estudos que se debruçam sobre o constructo da motivação, seja ela, para a prática da educação física, prática no desporto escolar ou prática em modalidades desportivas (Sapp & Haubenstricker, 1978; Gill, et al., 1983; Veiga, et al. 2009; Vasconcelos, Figueiredo & Granja, 1996; Januário, Colaço, Rosado, Ferreira & Gil, 2012; Cid, 2002; Guilherme, 2001; Rebelo, 1999; Reis, 1995). Assim, procederemos à discussão dos nossos resultados obtidos.

Quando comparamos os dados obtidos verificamos a existência de referência aos mesmos motivos nos dois grupos (GDE e DF). No entanto, esses motivos são ordenados de forma diferente (grau de importância). Tal é visível através da análise dos resultados alcançados com as medidas de tendência central: no GDE evidenciam-se médias mais baixas mas, com valores de desvio padrão idênticos ao do GF, o que é indicador de que os elementos do grupo GF atribuem com frequência o valor máximo (5 = totalmente importante) a esses motivos. No que se refere aos motivos com médias de valoração baixas, também verificamos referência aos mesmos motivos nos dois grupos.

Relativamente aos valores de significância comprovou-se haver diferenças significativas em alguns motivos: os membros do GF consideram o motivo *atingir um nível desportivo mais elevado* como um dos mais importantes, enquanto que para os elementos do GDE é o quarto na ordem de

importância; *entrar em competição* é um motivo decisivo para o GF, enquanto para o GDE não é prioritário; o motivo *influência da família ou de outros* tem uma valoração de média inferior no GDE. Esta constatação evidencia que a seleção das outras modalidades é da sua responsabilidade (mediante a oferta existente na escola), ao passo que no GF, a seleção de atividades, fora do âmbito escolar, poderá apresentar uma prevalência maior no que diz respeito à opinião dos familiares.

A análise dos motivos, em função do género dos inquiridos no GDE, permitiu verificar diferenças. No género feminino o motivo que mais contribui para a prática foi *estar em boa condição física*, já no género masculino este motivo apresenta-se como o terceiro. Por outro lado, o motivo que mais influencia para a prática no género masculino é *aprender novas técnicas* o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Reis (1995) relativamente ao seu grupo de demonstração.

A mesma análise (do GDE) permitiu ainda constatar valores de significância estatística relevantes, quanto ao género, nos motivos *aprender novas técnicas* ( $p=,010$ ); *prazer na utilização das instalações e material desportivo*<sup>8</sup> ( $p=,043$ ); *ter ação* ( $p=,023$ ) e *estar com os amigos* ( $p=,023$ ).

Estes resultados são concordantes com os de outros estudos, realizados com jovens dos 10 aos 20 anos, em que se obtiveram diferenças estatísticas significativas (Vasconcelos, et al., 1996; Januário, et al., 2012) na comparação entre géneros.

No GF, quanto ao género, verificam-se médias elevadas (grau de importância) nos motivos *atingir um nível desportivo mais elevado*, *aprender novas técnicas*, *divertimento*, *melhorar as capacidades técnicas* e *estar em boa condição física*. Estes resultados são consistentes com outros estudos (Sapp & Haubenstricker, 1978; Guill, et al., 1983; Reis, 1995; Cid, 2002; Veiga, et al. 2009;). Na análise comparativa entre género no GF, não se verificaram valores estatísticos com significância.

Na análise dos resultados no GDE quanto à idade, constatou-se que o grupo dos 9 aos 13 anos atribui, no geral, uma classificação mais elevada aos motivos. O motivo mais valorado por este grupo foi *estar em boa condição física* com  $\bar{x}=4,42$ , enquanto este mesmo motivo que também foi o mais importante no grupo dos 14 aos 18 anos, embora conjuntamente com *aprender novas técnicas* e *divertimento*, obteve  $\bar{x}=3,90$ . Este último motivo (*divertimento*), nas idades compreendidas entre os 9 e 13 anos não aparece nos dez mais valorados, o que pode evidenciar uma conceção de escola mais como espaço de trabalho e não de divertimento. No GDE não se verificaram valores com significância estatística nas idades.

No que concerne ao GF comparando as idades, constatou-se que os três motivos, que são considerados mais importantes, são os mesmos no grupo (*Atingir um nível desportivo mais elevado*, *divertimento* e *aprender novas técnicas*), apenas se verificou que os jovens, com idades

---

<sup>8</sup> Este resultado indicia que o género masculino obtém maior prazer na prática de golfe do que o género feminino.

compreendidas entre os 9 e 13 anos, utilizam com mais frequência a classificação máxima (5=Totalmente importante).

A estatística indutiva possibilitou-nos apurar valores com significância estatística em diversos motivos (como já referido no capítulo anterior), o que mostra evidência robusta em relação à diferenciação dos motivos em relação ao seu grau de importância, segundo a idade no GF.

Os resultados alcançados através dos inquiridos mais novos (9 aos 13 anos) encontram alguma consistência no peso (grau de importância) atribuído aos diferentes motivos no estudo realizado por Guilherme (2001), em São Bartolomeu de Messines, com crianças dos 11 aos 12 anos, em relação à prática de atividades desportivas.

### **4.3. Limitações do estudo**

Considerando a nossa amostragem é não probabilística, os resultados obtidos referem-se apenas à população pesquisada, não podendo ser generalizados.

Sugere-se para futuros estudos uma pesquisa mais alargada (número maior de inquiridos) e noutra zona de País, para comparar os motivos e perceber se existe diferenças significativas entre género, idade nos praticantes do desporto escolar e praticantes federados.

Outra sugestão é em futuras investigações, ser complementada com recurso ao paradigma qualitativo, possibilitará assim, um melhor conhecimento dos motivos que levam os jovens a praticar golfe.

Apesar destas limitações, e de considerarmos indispensável a realização de mais estudos, acreditamos que pudemos contribuir para a produção de conhecimento empírico sobre os motivos que favorecerem a prática de golfe, quer no desporto escolar, quer na prática federada.

## Capítulo 5 - Conclusão

Chegados a este capítulo, impõe-se que, de uma forma sumária, apresentemos as principais linhas estruturantes que resultaram da observação e análise do nosso objeto de estudo.

Assim, no que concerne às hipóteses de estudo H1 verificou-se através do teste *T-Student* haver valores com significância entre o grupo do desporto escolar e o grupo federado em três motivos. O motivo *entrar em competição* é uma prioridade para o GF e evidencia terem sido a família ou amigos a influenciá-los para a prática do golfe.

No que toca à hipótese H2 mostrou-se, através do teste U de Mann-Whitney, haver evidência estatística no grupo do desporto escolar em quatro motivos. Os motivos *aprender novas técnicas*, *prazer na utilização das instalações e material desportivo* são prioritários para o género masculino. Provavelmente, se os alunos forem ao campo de golfe com mais frequência, tal irá contribuir para o incremento da prática. Uma das possíveis razões, dos respondentes do sexo feminino terem referenciado pouco o motivo *estar com os amigos*, poderá ser o reduzido número de praticantes (pouca expressão). Por fim, o motivo *ter ação* é mais significativo para o género masculino do que para o género feminino (GDE).

Relativamente à hipótese H3, através do teste U de Mann-Whitney, confirmaram-se no grupo federado valores significativos em seis motivos. Os resultados parecem evidenciar que os jovens com idades entre os 9 aos 13 anos são mais propensos à colaboração do que os de idade dos 14 aos 18 anos (para estes é muito mais importante o motivo *ganhar* do que para os inquiridos dos 9 aos 13 anos). O motivo *prazer na utilização das instalações* também é bastante valorizado pelos inquiridos mais novos, provavelmente isto deve-se às idas esporádicas aos campos de golfe e quando tal acontece é motivo de grande satisfação, enquanto para os inquiridos com idade 14-18 é uma situação normal devido ao calendário competitivo.

Nos motivos considerados mais importantes, isto é, os que mais pesam na decisão de praticar golfe no GF evidenciam-se: *aprender novas técnicas*, *atingir um nível desportivo mais elevado*, *divertimento*, *estar em boa condição física* e *melhorar as capacidades técnicas*. No que concerne ao GDE verificou-se uma variabilidade nos motivos considerados muito importantes. No género masculino os motivos considerados muito importantes foram *aprender novas técnicas*, *prazer na utilização das instalações e material desportivo*, *estar em boa condição física*, *ultrapassar desafios* e *espírito de equipa*, enquanto no género feminino se evidenciam *estar em boa condição física* e *espírito de equipa*.

Os motivos que menos contribuíram para a levar os inquiridos à prática de golfe dividem-se entre o *pretexto para sair de casa*, o *ser conhecido* e o *viajar*.

As conclusões a que chegámos mostram a necessidade de reunir mais evidência empírica através,

por exemplo da aplicação deste inquérito por questionário a outros grupos de jovens (em outras zonas do país).

Em suma, podemos referir que se pretendemos aumentar o número de praticantes de golfe é necessário conhecer os motivos que levam os jovens a praticá-lo. Logo, é de todo o interesse olhar para os motivos em conjunto e não para motivos isolados, por isso é de primordial importância o papel do professor e, ou treinador no conhecimento das diferenças que existem nos grupos com que trabalha.

## Referências Bibliográficas

- Agrellos, M. (2012, mar/abr). Um programa para fazer crescer o golfe. *GolfDigest*, 64, 8.
- Ames, C. (1992). Achievement goals, motivational climate, and motivational processes. In G. Roberts (Ed.), *Motivation in sport and Exercise* (pp. 161-176). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Biddle, S. (2001). Enhancing Motivation in Physical Education. In G. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in sport and Exercise* (pp. 101-127). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Biddle, S., & Mutrice, N. (2001). *Psychology of Physical Activity: Determinants, well-being and interventions*. London: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Bogdan, R. & Bilken, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- D'Hainaut (1990). *Conceitos e Métodos de Estatística*. 1º Vol. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Cid, L. F. (2002). Alteração dos Motivos para a Prática Desportiva das Crianças e Jovens. Buenos Aires: Revista Digital. Ano 8 - N° 55. Retirado de <http://www.efdeportes.com>
- Costa, A., Travassos, B., Martins, J., Sarmiento, P., (2013). *Desporto é pedagogia*. I Congresso de Desporto Educação e Saúde. Ed. Universidade da Beira Interior - ISBN-978-989-20-3893-3
- Cruz, J.F. (1996). Motivação para a competição e prática desportiva. In J.F. Cruz (Ed), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 305-331). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Cury, A. (2004). *Dez leis para ser feliz*. 1º Ed. Cascais: Editora Pergaminho
- Díaz, J.D. (2008). *Psicología de la actividad Física y del deporte*. 2º Ed. Espanha: Mc Graw Hill.
- Dosil, J. (2008). *Psicología de la Actividad Física y del Deporte* (2ª ed.). Madrid: Mc Graw Hill.
- Duda, J. (2001). Achievement goal research in sport: pushing the boundaries and clarifying some misunderstandings. In G. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 129-182). Champaign-Illinois: Human Kinetics.
- Duda, J., & Balaguer, I. (2007). Coach-Created Motivational Climate. In S. Jowett & D. Lavalle (Eds.), *Social Psychology of Sport* (pp. 117-130). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Dweck, C. (1986). Motivational process affecting learning. *American Psychologist*, 41, 1040-1048.
- Fortin, M.F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Editora Lusociência.
- Fortin, M.F. (2009). *Fundamentos e etapas no processo de investigação*. (1ª ed). Loures: Editora Lusodidacta.
- Gould, D. (1990) AAASP: A version for the 1990's. *Journal of Applied Sport Psychology*, 2, 99-116.
- Gill, D., Gross, J., & Huddleston, S. (1983). Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology*, 14, 1-14.
- Guilherme, J.F.N. (2001) A motivação para as actividades Desportiva. In A. P. Brito (Coord.), *Psicologia do Desporto* (pp. 15-32. Instituto Superior Dom Afonso III.
- Hagger, M., & Chatzisarantis, N. (2008). Self-determination Theory and the Psychology of

Exercise. *International review of sport and Exercise Psychology*, 1(1), 79-103.

- Harter, S. (1978) Effectance motivation reconsidered: Toward a developmental model. *Human Development*, 21,p.34-64.
- Harter, S. (1981). A new self-report scale of intrinsic versus extrinsic orientation in the classroom: Motivational and informational components. *Developmental Psychology*,17,300-312.
- Hill, M. M., Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Edições Sílabo.
- Januário, N., Colaço, C., Rosado, A., Ferreira, V.& Gil, R., (2012), Motivação para a prática desportiva nos alunos do ensino básico e secundário: influência do género, idade e nível de escolaridade. *Motricidade* vol.8, n,pp.38-51. Retirado de <http://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/1551>.
- Lima, C.M.M. (2010). A motivação para as aulas de educação física no 3.º Ciclos do Concelho de Santa Maria da Feira. Dissertação de Mestrado. Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro.
- Lopes, P., Nunomura, M. (2007). Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. Ver. Brás. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, n. 3, p. 177-187, jul./set. 2011. Retirado de <http://www.revistas.usp.br>
- Magill,, R.A. (1984). *Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações*. São Paulo:Edgard Blücher.
- Novais, M. J. & Fonseca, A. M.,(1997). O que leva as pessoas á actividade física em “Health” clubes. (Atas). I Encontro internacional de psicologia aplicada ao desporto e à actividade física. Universidade do Minho
- Nunes, M. (1995). Motivação para a Prática Desportiva. Revista Horizonte. Lisboa. Vol.XII, (n.º67).
- Nicholls,J.(1984). Achievement Motivation: Conceptions of Ability, Subjective Experience,Task Choice, and Performance. *Psychological Review*, 91(3), 328-346.
- Nicholls, J.(1989). *The competitive ethos and democratic education*.Cambridge:Havard University Press.
- Nicholls,J.(1992).The General and the Specific in the Development and Expression of Achievement Motivation. In G. Roberts(Ed.),*Motivation in Sport and Exercise* (pp. 31-56). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Ntoumanis, N.& Bidlle, s.(1999). A review of motivational climate in physical activity. *Journalof sport Sciences*, 17,643-665.
- Nunnally, J. (1978). *Phychometric theory*.New York: McGraw-Hill.
- Orden Hoz, A. (1985). *Investigacion Educativa*. Madrid: Anaya.
- Papaionnou, A. (1995). Motivation and goal perspectives in children’s physical education. In S. Biddle(Ed.), *European perspectives on exercise and sport psychology*.Champaign, Il: Human Kinetics
- Polit, D.F., Hungler, B.P. (1995). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. (3. Edição) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Quivy, R., Campenhoudt, LV. (1998). *Manual de Investigação Em Ciências Sociais* (2<sup>a</sup> Edição). Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, A. L. (1999). Motivos e causas do sucesso no desporto escolar. Mestrado em ciências do desporto. Universidade do Porto. Retirado de [www.repositorio-aberto.up.pt](http://www.repositorio-aberto.up.pt)

- Reis, L.S., (1995). Estudo de factores motivacionais que levam os jovens á prática de actividades desportivas e demonstrativas. Dissertação para provas públicas na área científica de educação física actividades rítmicas. I.P.C.B. - Escola superior de Castelo Branco.
- Roberts, G. (2001). Understanding the dynamics of motivation in physical activity: The influence of achievement goals on motivational process. In G. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 1-50).Champaign-Illinois: Human Kinetics.
- Samulski, D.M. (2002). *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Manole.
- Sapp, M.,Haubenstricker, J. (1978). *Motivation for joining and reasons for not continuing in youth sport programs in Michigan*. Paper presented at the American Association of Health, Physical Education and Recreation National Convention. Kansas City: Missouri.
- Serra, L.F.C.(2010).Aplicação de Modelos Teóricos Motivacionais ao Contexto do Exercício. Retirado de <http://repositorio.ipsantarem.pt>
- Serpa, S., Frias, J. (1991). Factores de motivação para a actividade gímnic no quadro da ginástica geral: Ginástica de manutenção e ginástica de representação. In J. Bento & A. Marques Eds) *As ciências do desporto e a prática desportiva (vol.I)* pp. 169-179.Porto. F.C.D.E.F.
- Sobral, F. (1996). Consequências psicológicas do desporto escolar: Uma óptica exterior à psicologia. In J.F. Cruz (Ed), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 117-127). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Sprinthall, N.A., & Sprinthall, R.C. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: Mc Graw Hill.
- Treasure,D. (2001). Enhancing Young People´s Motivation in Youth Sport: Achievement Goal Approach In G. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 79-100).Champaign-Illinois: Human Kinetics.
- Vasconcelos, R.J.J., Figueiredo, A., & Granja, P. (1996). Factores de motivação dos jovens para a prática desportiva. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.
- Veigas, J., Catalão, F., Ferreira, M. & Boto, (2009). Motivação para a prática e não prática no desporto escolar. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Retirado de <http://www.psicologia.pt>
- Weinberg, R. Goud,D. (2001). *Fundamentos da Psicologia de Esporte e do Exercicio*. 2ºEd. Porto Alegre: Artmed Editora
- Weinberg, R. Goud,D. (2008). *Fundamentos da Psicologia de Esporte e do Exercicio*. 4ºEd. Porto Alegre: Artmed Editora
- Weiss, M.R.; Chaumeton, N. (1992)Motivational orientations and sport behavior. In T. Hom(ed), *advances in sport Psychology* Champain. IL: Human Kinetcs, p.61-99.

# Anexo

## Anexo - A

---

### QUESTIONÁRIO MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DO GOLFE

---

As questões que se seguem são de resposta confidencial e anónima. Destinam-se a um estudo de investigação sobre a motivação dos jovens para a prática do golfe e servem apenas os objectivos do estudo.

Este estudo é realizado no âmbito de uma Tese de Mestrado, da Universidade da Beira Interior, Departamento de Ciências do Desporto.

O universo deste estudo é constituído por jovens praticantes de golfe.

A colaboração dos jovens praticantes merece os nossos agradecimentos.

1 - Sexo:

Masculino

Feminino

2 - Idade: \_\_ \_\_ (anos)

3 - Praticas golfe: \_\_\_\_\_ < 2 Anos          \_\_\_\_\_ >2 Anos

4 - Praticas alguma modalidade desportiva federada excluindo o golfe?

Sim

Não

4.1. Se Sim, Qual? \_\_\_\_\_

5 - Praticas alguma modalidade desportiva no Desporto Escolar da Escola sem ser o golfe?

Sim

Não

5.1. Se Sim, Qual? \_\_\_\_\_

6 - Quantos dias da semana praticas golfe? \_\_\_\_\_.

7 - Num dia normal, quantas horas praticas golfe? \_\_\_\_\_.

Vire a página S.F.F

**Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD)**  
**D. Gill: J. Gross & Huddleston**  
**Adaptação Sidónio Serpa & Jorge Frias (FMH - Laboratório de Psicologia do Desporto)**

Indica-se a seguir um conjunto de motivos que podem levar as pessoas à prática da atividade desportiva.

Leia-os com atenção e assinale com um círculo o nível de importância que cada um deles tem para si.

Não há respostas certas ou erradas. Responda a todas as questões mesmo que hesite em certos casos.

A classificação é a seguinte:

Nada Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Totalmente Importante
1	2	3	4	5

Eu pratico golfe para...

	Nada Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Totalmente Importante
1. Melhorar as capacidades técnicas	1	2	3	4	5
2. Estar com os amigos	1	2	3	4	5
3. Ganhar	1	2	3	4	5
4. Descarregar energias	1	2	3	4	5
5. Viajar	1	2	3	4	5
6. Manter a forma	1	2	3	4	5
7. Ter emoções fortes	1	2	3	4	5
8. Trabalhar em equipa	1	2	3	4	5
9. Influência da família ou de outros amigos	1	2	3	4	5
10. Aprender novas técnicas	1	2	3	4	5
11. Fazer novas amizades	1	2	3	4	5
12. Fazer alguma coisa em que se é bom	1	2	3	4	5

13. Libertar tensão	1	2	3	4	5
14. Receber prémios	1	2	3	4	5
15. Fazer exercícios	1	2	3	4	5
16. Ter alguma coisa para fazer	1	2	3	4	5
17. Ter acção	1	2	3	4	5
18. Espírito de equipa	1	2	3	4	5
19. Pretexto para sair de casa	1	2	3	4	5
20. Entrar em competição	1	2	3	4	5
21. Ter a sensação de ser importante	1	2	3	4	5
22. Pertencer a um grupo	1	2	3	4	5
23. Atingir um nível desportivo mais elevado	1	2	3	4	5
24. Estar em boa condição física	1	2	3	4	5
25. Ser conhecido	1	2	3	4	5
26. Ultrapassar desafios	1	2	3	4	5
27. Influência do treinador/professor	1	2	3	4	5
28. Ser reconhecido e ter prestígio	1	2	3	4	5
29. Divertimento	1	2	3	4	5
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo	1	2	3	4	5

Obrigado pela colaboração!